

Título: *Musa Impassível*: o destino mítico no processo de musealização de uma obra

Title: *Musa Impassível*: the mythical musealization process target of a work

Autoria: Anna Maria Rahme ¹

¹ Anna Maria Abrão Khoury Rahme é Doutora (2005) e Mestre (2000), pela FAUUSP. Graduada em Licenciatura Plena em Desenho, pela FAAP. Atualmente leciona no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UAM, do qual foi Coordenadora (2003/2004).

Resumo

Em 13 de dezembro de 2006, algo incomum acontece: uma musa deixa o cemitério e se dirige para o museu. Aquela escultura trasladada denomina-se *Musa Impassível* e a instituição é a Pinacoteca do Estado de São Paulo. A obra, uma Alegoria à Poesia em homenagem à poetisa Francisca Júlia, esteve implantada desde 1920 no Cemitério Araçá e agora foi reproduzida em bronze. Originalmente, a peça esculpida em mármore pelo artista Victor Brecheret, é uma estátua hierática que reafirma os valores clássicos na arte tridimensional, unindo matéria, técnica, forma, adereços e suportes. O artigo busca identificar elementos simbólicos que atestem uma similaridade entre a proposta deste conjunto escultórico com os versos do poema "Musa!", anteriormente escrito por Francisca Júlia, a homenageada. Em seu fazer artístico, Brecheret incorpora a mitologia e a amplia, associando mãe e filho, feminino e masculino, sensualidade e gestação, classicismo e parnasianismo. Apesar de opiniões contrárias à mudança do *locus*, tem-se a certeza da justa ressurreição promovida pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, nesses tempos de musealização indiscriminada de objetos com pouco ou nenhum valor cultural.

Palavras-chaves: Musealização. Poesia. Escultura. Victor Brecheret

Summary

On December 13, 2006, something unusual happens: a muse leaves the graveyard and heads to the Museum. That moved sculpture is called *Musa Impassível* and the institution is the Pinacoteca do Estado de São Paulo. The work, an allegory to the poetry in honor of the poet Francisca Júlia, has been deployed since 1920 in the Araçá's cemetery and now was reproduced in bronze. Originally, the carved marble piece by the artist Victor Brecheret, is a hieratic statue that reaffirms the values in three-dimensional art classics, uniting matter, technique, form, props and supports. The article seeks to identify symbolic elements attesting to a similarity between the proposal of this sculptural ensemble with the verses of the poem "Musa!", previously written by Francisca Júlia, the honoree. In his artistic practice, Brecheret incorporates the mythology and extends, mother and child, female and male, sensuality and gestation,

Classicism and Parnassianism. Despite contrary opinions to change, *locus* has the assurance of fair resurrection promoted by Pinacoteca do Estado de São Paulo, in these times of indiscriminate musealization of objects with little or no cultural value.

Keywords: Musealization. Poetry. Sculpture. Victor Brecheret

***Musa Impassível*: o destino mítico no processo de musealização de uma obra**



Figura 1. *Musa Impassível*. Victor Brecheret. Mármore, 1920.

Pinacoteca do estado de São Paulo, SP

Fonte: foto da autora



Figura 2. *Musa Impassível*. Victor Brecheret. Bronze, 2006.

Túmulo Francisca Júlia. Cemitério do Araçá, SP.

Fonte: foto da autora

1. Musealização da poesia

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho; e diante
De um morto, o mesmo olhar e sobrececho austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílio descante.
Celebra ora um fantasma angüiforme de Dante,
Hora o vulto marcial de um guerreiro de Homero

Dá-me o hemistíquio de ouro à imagem atrativa;
A rima cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos da alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem com seus místicos ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.

A poesia é *Musa Impassível*, concebida por Francisca Júlia da Silva (1874-1920) em 1893 e, igualmente, nomeia a escultura criada por Victor Brecheret (1894-1955) para homenagear postumamente a citada escritora. Atualmente, acolhida pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, essa Alegoria à Poesia preserva a sensação de encantamento mágico fundido a doses de racionalidade, traço peculiar ao artista. O acontecimento artístico da transferência da estátua em mármore de Carrara para o museu da Luz, foi acompanhado de sua substituição por cópia idêntica em bronze, o tombamento da peça original e o lançamento de uma biografia de Francisca Júlia.

Em 13 de dezembro de 2006, uma movimentada e cuidadosa operação atestada por autoridades, estudiosos, familiares e curiosos em geral acompanhou o traslado, partindo do Cemitério Araçá, onde estava implantada desde 1923. Assim, foi concluído o processo de musealização da escultura de Brecheret, que permanecera exposta às intempéries por mais de oitenta anos, fator responsável pelo acúmulo de sujeira e um visível desgaste em sua superfície. Além de se comprometer com a limpeza da peça, a Pinacoteca do Estado providenciou sua substituição por uma cópia fundida em bronze, material que suporta melhor o desgaste nos espaços abertos.

A musealização dessa obra de arte, muito além da simples mudança de endereço, constitui um fato e suscita questionamentos sobre os porquês e o como essa decisão foi agora assumida. Consequentemente, o debruçar sobre este acontecimento, desperta a necessidade de analisar com atenção todo o processo percorrido pela *Musa Impassível*, da proposição oficial à encomenda, da concepção à implantação, das técnicas propostas às mudanças simbólicas. Enfim, traçar hipóteses a partir dos sinais fornecidos pelos acontecimentos e interpretá-los à luz da história que a antecedeu e fundou, das escolhas do autor - técnicas, formais e simbólicas - das formas de deterioração, bem como os cuidados que cercaram a nova implantação.

2. Memorialidade à poetisa

O “túmulo comemorativo” foi idealizado pelo deputado do Partido Republicano Paulista José de Freitas Valle (1870-1958), que por ocasião da morte de Francisca Júlia sugeriu o levantamento da quantia de quinze mil contos de réis. Conseguindo, em 08/11/1920, a aprovação na Câmara Legislativa do “projeto de lei n. 44” dá início à tramitação que se completaria com a homologação da obra por Washington Luis, Presidente do Estado de São Paulo, ao publicar a aprovação do Poder Legislativo no Diário Oficial de 04/01/1921 e sua construção “ao custo de R\$ 30.000 (trinta mil contos de réis)” (Camargos, 2007). Muito provavelmente a encomenda a Victor Brecheret tenha partido do próprio Freitas Valle, mecenas responsável pelo processo de concessão da bolsa de estudos que levara o artista à França, local de execução da *Musa Impassível*.

Implantada no túmulo da homenageada, localizado no Cemitério do Araçá, em São Paulo, a estátua em mármore passa a fazer parte do inumerável patrimônio artístico da cidade, popularmente identificado como “museu a céu aberto”, em 1923. Apesar de ser alçada por volumes prismáticos, que elevam sua cota em relação ao passeio, no intuito de acentuar a monumentalidade, já inerente à peça, a imagem tem sua visibilidade prejudicada por fatores como a vizinhança de capelas tumulares e a exígua largura da aleia. Outro fator preponderante na análise da visualização de um monumento funerário é o alinhamento frontal e a disposição geminada dos terrenos, oferecendo, na maior parte das vezes, uma visão única e a pouquíssima distância, prejudicando, em especial, esculturas de grande porte, como é o caso da *Musa Impassível*. Cabendo, ainda, recordar, que somente a algumas poucas famílias é dada a opção de terrenos mais amplos e visíveis, como as aleias principais, ou mesmo as bifurcações ou o final das alamedas.

Vale a pena abrir um parêntese para esclarecer sobre as referidas escolhas, pois, apesar se constituírem em espaços públicos e, portanto, regidos por legislação e ocupação próprios, o Cemitério do Araçá, assim como o da Consolação e o São Paulo, na prática se mostram dominados pelas famílias “proprietárias” dos terrenos concedidos temporariamente, numa clara referência à celebração da “morte burguesa” (Vovelle, 1993). Com “privilégios notórios, desde o traçado... à distribuição das áreas destinadas aos jazigos, posteriormente entregues obedecendo a uma escala de hierarquias religiosas, econômicas e políticas, não necessariamente nesta ordem” (Rahme, 2000, p.28) esses “donos” detêm, igualmente, poder de controle de pesquisa e divulgação das imagens de tal patrimônio. Estas afirmações têm origem em experiência própria, ao sair a campo para as pesquisas que culminaram com a Dissertação de Mestrado, na FAUUSP, *Imagens femininas em memória à vida*.

As considerações sobre a situação de encobrimento da peça de Victor Brecheret, talvez contribuam para o entendimento do total abandono em que a peça se encontrava, nos últimos anos. Também, deve-se lembrar que, exposta às intempéries, a escultura em mármore branco,

apresentava sujidade e desgaste, prejudicando a fruição proposta pelo autor. Tais constatações, por si só, já “autorizavam” a defesa do seu transporte para a Pinacoteca do Estado, porém, a complexidade desta mudança se funda em trâmites museológicos, políticos, financeiros e acordo entre as partes.

Dadas as circunstâncias surpreende positivamente o sucesso da ação, se somarmos as diversas e quase intransponíveis dificuldades a serem enfrentadas e solucionadas. Com certeza, além dos trâmites legais, a diretoria do museu se deparou com o profissionalismo nas questões de transporte e o acolhimento da obra de arte. E o fez com critérios. Senão vejamos, as mudanças nos diferentes pontos negativos do espaço cemiterial, agora para o espaço museal.

Sob esse prisma, nota-se a adequação precisa do local para dispor a peça posicionando-a de costas para a parede e de frente para o amplo espaço aberto do pátio interno, uma provável fidelidade à disposição original. Aqui, porém, a visualização do conjunto escultórico fica ampliada pela possibilidade de olhar a distâncias e ângulos diversos, inclusive desde o andar superior. A livre circulação cria uma visibilidade tridimensional a 270 graus que, somada à ausência do volume da pedra tumular, aproxima o observador dos detalhes das figuras secundárias, bem como possibilita o desvendar do delicado tratamento dispensado à anatomia feminina e à túnica que a recobre apenas parcialmente.



Figura 3. *Musa Impassível*. Victor Brecheret. Mármore, 1920.

Cemitério do Araçá, SP. Fonte: foto da autora



Figura 4. *Musa Impassível*. Victor Brecheret. Mármore, 1920.

Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP. Fonte: foto da autora

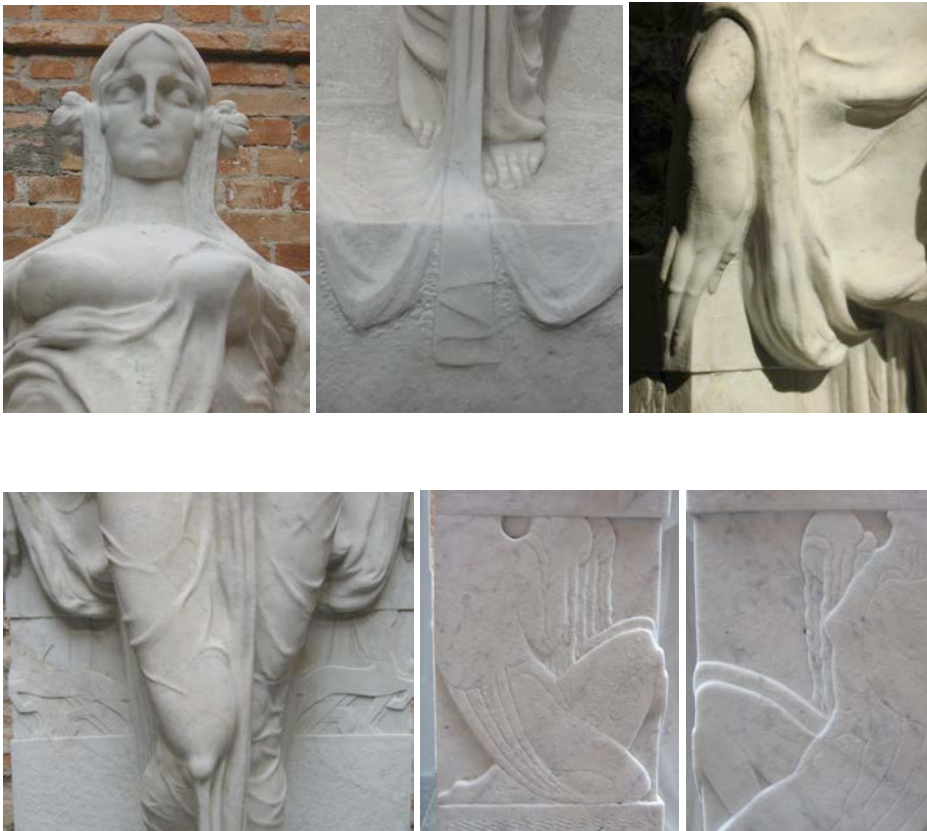
3. Na escultura memorial uma nova poesia

Victor Brecheret transforma a representação da Alegoria à Poesia em musa, transferindo para ela o papel de arauto dos poemas produzidos por Francisca Júlia. Numa só imagem consegue imbricar as características das nove musas descendentes de Zeus e Mnemósine, que pela teogonia grega são destinadas a cantar os feitos do passado e comunicá-los às gerações vindouras (Vernan, 2000). Fundem-se, então, a voz sedutora de Calíope, os anúncios triunfantes de Clio, o erotismo e lirismo de Erato, a criatividade e inventividade de Euterpe, a purificação pela tragédia por Melpômene, o consolo e o convencimento por Polímnia, a renovação por Tália, o júbilo de Terpsícore e, finalmente, com Urânia o domínio espacial e temporal do universo.

A presença de alguns sinais aparentes desses poderes intensifica a hipótese de Brecheret pretender reforçar a idéia da deusa primordial, que reunia em si todos os atributos, posteriormente transformada em musa tríplice e, nos mitos mais tardios, em nove (Krausz, 2007, p.60-1). Mas, pode-se também insistir em associar cada atributo a uma divindade em particular e interpretá-lo singularmente. Assim, o estado de avançada gravidez, a um só tempo, recorda e insinua uma Calíope gerando Orfeu – músico, poeta e cantor divino – sendo capaz de mudar o mundo e, interferindo “na própria ordem cósmica” (Krausz, 2007, p.166), tratará de eternizar o nome e a obra da poetisa. Menos explicitamente, a gestação traz à lembrança Tália, a primavera, que pela “renovação anual liga-se ao sentido inaugural e à fecundidade”. Já, as vestes diáfanas escorregam sobre o corpo feminino, expandem-se pelos prismas retos que servem de pedestal e pano de fundo e desenham contornos em movimentos suaves amalgamando poesia e dança, como em gesto de Terpsícore. De todo modo, a *Musa Impassível* cumpre o “destino mítico de preservar a memória e transmitir o que se fez, bem como criar e aperfeiçoar conhecimento” (Lourenço, 1999).

A imagem petrificada e hierática reafirma os valores clássicos na arte tridimensional, unindo matéria, técnica, forma, adereços, suportes, corporificando a “Musa!” poetizada por Francisca Júlia. As faces da estátua revelam distanciamento da vida terrena e cumprem os

dizeres anunciados na estrofe “um gesto sequer de dor ou de sincero luto jamais te afeie o cândido semblante”. Por outro lado, em harmonia, dentro dela há o “hemistíquio”, um Orfeu que canta “aos ouvidos da alma”, dicotomizando morte e vida, esquecimento e preservação. Brecheret incorpora a mitologia em seu fazer artístico e o amplia, agregando força à transformação, quando associa mãe e filho, feminino e masculino, sensualidade e gestação, classicismo e parnasianismo.



Figuras 5, 6, 7, 8, 9, 10. *Musa Impassível* (det.). Victor Brecheret. Mármore.

Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP. Fonte: fotos da autora

Nas mãos da *Musa*, a delicadeza do gesto se contrapõe aos volumes prismáticos, com barras horizontais que ostentam relevos quase imperceptíveis de centauros e anjos, todos seres femininos. A iconografia funerária se completa com o sentido simbólico inerente a essas figuras, as primeiras pelo caráter selvagem e o encargo da educação de jovens (Vernan, 2000), as

últimas pela proximidade com as divindades, por guiar o espírito que se desprende do corpo após a morte, ou ainda, por sua identificação mítica com o Amor e a Vitória (Rahme, 2000). A exemplo da *Ilíada*, Victor Brecheret constrói um discurso que remete à ordem cósmica, no qual “o papel humano e o poder divino se alternam e se contrapõem” (Krausz, 2007, p.73). O escultor garante a memorialidade à poetisa Francisca Júlia, unindo o compromisso com a exemplaridade às fortes emoções, fator esse que sintetiza e acentua algumas poesias da autora, como *Dança dos Centauros*, *Angelus*, *Mármore* e *Esfinges*.

4. Considerações finais

Porque, a rememoração da vida vivida pelo monumento funerário, que “sempre poderá ser grandioso e impressionante, trazendo apelos de eternidade e permanência...” (Huysen, 2000, p.52), contraria a morte que causa afastamento e promove o esquecimento. Somos irremediavelmente seduzidos pela impactante brancura marmórea aprisionando-nos na rede oitocentista, que ativa uma monumentalidade ligada “às necessidades políticas do estado nacional e às necessidades culturais da burguesia”, apesar da incompatibilidade “com as nossas sensibilidades política e estética” (idem, p.55). A construção, assim situada, parece “garantir a permanência e oferecer baluarte contra a aceleração do tempo, as bases movediças do espaço urbano e a transitoriedade da vida moderna” (idem).

A obra reforça a constatação de que, até meados do século XX, suntuosos conjuntos escultóricos, em bronze e pedra, povoaram os cemitérios públicos da cidade de São Paulo, celebrando a morte burguesa, cujas representações expressam emoções de perda e recordam ideais perseguidos (Rahme, 2005). Embora, o caráter monumental seja constante na concepção das peças de Brecheret, notadamente naquelas destinadas aos espaços públicos, deve-se prestar atenção aos signos e às formas peculiarmente próximas do universo da homenageada, o *Parnaso*. Identificado como lugar dos poetas desde a Antigüidade, esse local na Grécia Central habitado por Apolo e pelas musas, muito provavelmente suscitou as escolhas das figuras calcadas no Classicismo pelo artista.

Curiosamente, nessa encomenda Victor Brecheret deixa transparecer parâmetros diferentes de outras obras contemporâneas. Seja nas figuras isoladas – *Bailarina* (anos 1920), *Diana Caçadora* (anos 1920) *Fuga do Egito* (anos 1920), *Tocadora de guitarra* (anos 1920), *Portadora de perfume* (1924), *Dançarina* (1925) – ou no grupo – *Monumento às Bandeiras* (maquete exposta a 27/07/1920) – o autor buscava penetrar no contexto das formas geometrizadas do *Art-déco*, construindo um vocabulário com o qual traduz a disposição para a Modernidade. Disposição essa, que irá se enraizar no jovem bolsista, durante os anos que passa em Paris, onde é premiado, em 1923, no *Salon d'Automne* com o conjunto escultórico *Sepultamento de Cristo*, mais tarde executado em granito e implantado no Cemitério da Consolação.



Figura 11. *Sepultamento de Cristo*. Victor Brecheret. Granito, 1923.
Cemitério da Consolação. Fonte: foto da autora.

Mesmo, diante das justificativas dos órgãos envolvidos, para a oficialização da mudança promovida, essas observações podem contribuir para justificar a troca de endereço e o tombamento da *Musa Impassível*. O esforço em “trazer a público” e promover a conservação da peça materializada em pedra altamente sensível às intempéries, impedindo a crescente

deterioração pelo qual vinha passando sua superfície, criam uma “rememoração produtiva” (Huysen, 2000, p. 37), ou seja, o fato novo imprescindível à memória, dada a transitoriedade desta. Promove-se, então, a preservação do ato poético literário e do plástico fundidos em único monumento, ao retirar as impurezas que recobrem o e resguardá-lo dos efeitos do tempo. Mais ainda, pereniza-se, na cidade de São Paulo, o valor da escritora parnasiana e do escultor revelado na Semana de Arte Moderna de 22. Somados, obra, pranteador e pranteada, tem-se a certeza da justa ressurreição promovida nesses tempos de musealização indiscriminada de objetos com pouco ou nenhum valor cultural.

Notas:

CAMARGOS, Márcia. *Musa Impassível*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, 2ed.

KRAUSZ, Luis S. *As musas*. São Paulo: EDUSP, 2007.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o Moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999.

RAHME, Anna Maria. *Imagens femininas em memória à vida*. 2000. 168 Páginas. Dissertação: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2000.

RAHME, Anna Maria. *A representação da “morte burguesa” nos primeiros cemitérios públicos de São Paulo*. México, DF/Morelia: Universidad Autonoma Metropolitana. Anales del VI Encuentro Iberoamericano y Primer Congreso Internacional de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales y Arte Funerário, out/nov 2005.

VERNAN, Jean-Pierre. *El universo, los dioses, los hombres*. Barcelona: Anagrama, 2000.

VOVELLE, Michel. *L'avènement de la mort bourgeoise*. In: *L'heure du grand passage: chronique de la mort*. Paris: Gallimard, 1993.